

FRAGMENTOS. MARCEL PROUST. REVISTA DE LÍNGUA E LITERATURA ESTRANGEIRAS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, V. 6, N. 2. FLORIANÓPOLIS: EDITORA DA USC, JAN./JUN. 1997.

Resenha por Celina Scheinowitz
Universidade Estadual de Feira de
Santana

A Universidade Federal de Santa Catarina apresenta um número de *Fragments*, revista de Língua e literatura estrangeiras, dedicado a Marcel Proust (volume 6, n.º 2, jan./jun. 1997). Organizado por Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach, objetiva registrar no Brasil os 70 anos de morte do maior escritor francês do século XX, ocorrida em 18 de novembro de 1922. Com efeito, desde 1992 a organizadora vinha trabalhando na preparação desse número que agora vem a lume.

A publicação resultou em um conjunto expressivo e rico: vai ficar na história da crítica universitária brasileira. E não poderia deixar de ser, tendo em vista o centro, a figura ímpar para a qual, embevecidos, dirigem-se os articulistas, no propósito de se acercar de uma obra excepcional. Uma amostra significativa da recepção brasileira à obra de Marcel Proust emerge aqui, já que uma dúzia de colaboradores oriundos de diferentes espaços brasileiros se reúne vinda de Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Ceará, Bahia, vozes às quais vem-se juntar a de um nordestino desgarrado em Birmingham, Alabama, nos Estados Unidos. Sem que vejamos segregação, antes vislumbrando a afirmação de uma identidade, de uma óptica própria, salientamos, todavia, a especificidade de um entranhamento no contexto brasileiro: focaliza-se o escritor francês com lentes exclusivamente nacionais.

O volume agrupa duas seções distintas, uma em francês e outra em português, de tamanhos equivalentes. Após uma *Apresentação*, por Carmen Lúcia C. L. Gerlach, datada de abril de 1997, temos uma *Chronologie de la vie de Marcel Proust*, que também vem assinada pela organizadora. Fechando o número e conferindo-lhe uma dimensão pedagógica de importância indiscutível - pensamos notadamente na sua utilidade junto aos estudantes e pesquisadores da área de letras -, uma *Bibliografia proustiana*, elaborada por Maria Marta Laus Pereira Oliveira, igualmente da Universidade Federal de Santa Catarina. Reunida por temas, ela se organiza em treze seções, que se estendem em trinta e quatro páginas, denotativas do conteúdo denso relacionado, como se segue: 1. Textos de Marcel Proust; 2. Traduções brasileiras da

obra de Marcel Proust (por ordem cronológica de publicação no Brasil); 3. Correspondência; 4. Recepção crítica na França: os escritores; 5. Biografias e testemunhos; 6. Sínteses; 7. Crítica psicanalítica e psicológica; 8. Crítica moral e filosófica; 9. A crítica por temas: 9.1. Proust e a literatura; 9.2. Proust e a pintura; 9.3. Proust e a política; 9.4. Proust e a música; 9.5. Proust e a arquitetura; 9.6. O imaginário proustiano; 10. Análise das técnicas romanescas: 10.1. A composição; 10.2. O narrador; 10.3. As técnicas narrativas; 11. Estudos de estilo; 12. Revistas, boletins ou números especiais de revistas dedicadas a Proust; 13. Recepção crítica no Brasil.

Precedendo o conjunto dos artigos, um poema, *Marcel*, datado de 8 de novembro de 1995, "um sublime tributo", segundo Carmen Lúcia, de Rodrigo Antônio de Haro. Seguem-se, às p. 15-19, cinco fotografias, propostas à revista por Alfredo Grieco, a primeira das quais, comovente, nos oferece o semblante de Proust em seu leito de morte, no traço de Helleu.

São seis os artigos escritos em francês. O primeiro, de Carmen Lúcia Gerlach, analisa o conto *L'indifférent*, de Marcel Proust, o qual vem reproduzido na íntegra, em anexo, às p. 37-49. O texto proustiano é muito bem-vindo aos leitores, sobretudo por se tratar de um conto publicado na revista *La vie contemporaine et revue parisienne réunies*, em março de 1896, esquecido pelo público, só tendo sido republicado em 1978, por Philip Kolb. Considerado pelo autor como "imbecil" (*Corr.*, t. x, p. 197), foi deixado de lado por ele, que preferiu reutilizar seus elementos na *Recherche*. Essa reutilização é esmiuçada na análise de Carmen Lúcia, com destaque para as famosas catléias de Odette de Crécy, já presentes nas madeixas de Madeleine de Gouvres, bem como para o estudo das personagens de Swann/Madeleine e de Odette/Lepré. Inspirando-se o conto de Proust no quadro homônimo de Watteau, seu protagonista Lepré se oculta igualmente "sob sua máscara incerta". Sua indiferença é focalizada pela articulista, que se serve das ferramentas teóricas propostas por Greimas e seus seguidores, notadamente de seu quadrado semiótico da veridicidade, em que se discriminam a /verdade/ (/ser/ e /parecer/), a /mentira/ (/parecer/ e /não ser/), a /falsidade/ (/não parecer/ e /não ser/) e o /segredo/ (/ser/ e /não parecer/).

O importante trabalho de Maria Marta Laus Pereira Oliveira insere-se no campo da Estética da recepção, ao colocar o tema *Aspects de la critique proustienne en France et au Brésil*. Ensaio denso, bem documentado, com um plano traçado com rigor, compreendendo uma excelente introdução, um desenvolvimento moldado dentro de uma progressão lógica e com encaminhamentos conclusivos que se impõem naturalmente. O seu corpus de análise limita-se ao estudo da recepção de Marcel Proust nas críticas francesa e brasileira entre 1912 e 1930, tendo estreado sua investigação nos conceitos teóricos da Estética da recepção, com ênfase nas noções de recepção, leitura crítica e horizonte de espera. O passo firme da autora, ao transitar por essa seara, denota ser esta um campo familiar de sua investigação. Com efeito, ela de-

fendeu, em 1993, uma tese de Doutorado sobre *A recepção crítica na obra de Marcel Proust no Brasil* (450 p.), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; daí ela pisar no terreno com o porte de uma especialista. São dois os momentos do trabalho, como já o dissemos, um dedicado à crítica francesa a Proust e outro à crítica brasileira. Na primeira seção, parte-se dos próprios relatórios das editoras que recusaram publicar *Du côté de chez Swann*, que finalmente saiu sob o selo de Grasset, em 1913, porém por conta do autor. Entre aquelas, Gallimard, cuja rejeição, influenciada por Gide, celebrizou-se na história literária e Fasquelle, com o parecer circunstanciado do poeta Jacques Madeleine que se tornou lendário e que ficou para a posteridade como a primeira crítica a Proust na França. Além de analisar a primeira recepção francesa e de procurar completá-la com um elenco de nomes, a autora ressalta os pontos da estética proustiana inicialmente colocados em destaque, como sua filiação às tradições clássicas da literatura francesa, o método associativo romance/ensaio, a ausência de um plano de composição (sobretudo nas críticas anteriores à morte de Proust, que se justificam, em parte, pelo desconhecimento das obras póstumas, *La prisonnière*, *Albertine disparue* e *Le temps retrouvé*), a pintura dos costumes (com que Proust se compara a Balzac) e a análise minuciosa e em profundidade dos sentimentos (com que Proust se aproxima de Montaigne), a sociedade vista em uma perspectiva objetiva, o estudo dos sentimentos humanos exacerbados pela extrema sensibilidade do romancista, o papel do tempo e da memória, o papel do “eu”, a procura das chaves do romance e a busca da verdade, a influência de Bergson, a relação vida/obra, a ausência de Deus e da noção cristã de graça (considerada chocante para alguns, como Georges Bernanos). Lembra-se ainda que a grandeza da obra proustiana só foi reconhecida plenamente nos anos cinqüenta, na França, onde autores como Malraux, Céline, Sartre e Camus correspondiam mais às expectativas do público durante mais de duas décadas que se seguiram à morte de Proust.

A crítica brasileira distingue-se da francesa pela especificidade do seu horizonte de espera. No Brasil foi a atribuição do Prêmio Goncourt, em 1919, a *À l'ombre des jeunes filles en fleurs* que despertou o interesse pelo escritor francês, desconhecido entre nós até então. Duas versões se apresentam na atribuição do título de primeiro leitor de Proust no Brasil: Eduardo Frieiro, em Belo Horizonte, em 1920 (que teria adquirido um dos cinco exemplares do volume premiado, recebidos pela Livraria Francisco Alves e disputados pelos intelectuais da cidade, entre os quais Carlos Drummond de Andrade) ou Jorge de Lima (que o teria recebido, em Maceió, em 1919, das mãos de um piloto francês), versões defendidas respectivamente por José Nava e Ione de Andrade. Quanto ao primeiro texto escrito no Brasil sobre a obra proustiana, trata-se de um poema de Samuel Mac Dowell Filho, em homenagem à morte do escritor. Maria Marta L. P. Oliveira considera que *La nouvelle revue française* foi o grande mediador entre Proust e seus leitores brasileiros, tendo o seu número especial dedicado à morte de Proust sido

anunciado, com destaque, no n.º 8 da revista *Klaxon*, de dez. 1922/jan. 1923, primeira publicação modernista do país.

Cinco críticos brasileiros de Proust são analisados detalhadamente pela autora: Graça Aranha, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Meyer, Tristão de Athayde e Jorge de Lima. As leituras dos dois primeiros são fortemente marcadas pelas idéias dominantes nos grupos literários da época, com rejeição dos cânones europeus: Graça Aranha, em seu artigo *Marcel Proust*, de 1925, rejeita o decadentismo que vê na obra deste autor, incompatível com a estética modernista, voltada para a brasilidade; Carlos Drummond de Andrade, em *França*, artigo também de 1925, considera a obra proustiana demasiadamente complexa e seu estilo de difícil acesso. Já Augusto Meyer, que, em 1926, prestara comovente homenagem com seu poema *Elegia para Marcel Proust*, terá sua obra poética e de memorialista eminentemente marcada pela presença de Proust, de quem assimila a busca interior do tempo perdido, tendo publicado vários trabalhos críticos, sobretudo em 1929 e 1930, os quais são estudados em profundidade por Maria Marta. Tristão de Athayde analisa Proust em dois trabalhos: em 1927 e em 1928, primeiramente interessando-se mais pela investigação proustiana da alma humana e suas relações com a religiosidade e depois abarcando múltiplos aspectos da *Recherche*. Quanto a Jorge de Lima, retoma o tema da ausência de Deus em Proust, para rejeitá-lo, considerando-o uma invenção de Mauriac, apoiada por outros, numa alusão a Tristão de Athayde. A autora conclui sustentando que, se essa primeira crítica brasileira repete, em muitos pontos, a crítica francesa, ela tem, todavia, sua especificidade, decorrente da impregnação do contexto cultural; ela fabrica uma visão própria brasileira da obra de Proust, ou seja, tem um horizonte de espera peculiar.

O artigo de Nancy Maria Mendes enfoca a presença de uma das telas do pintor Gustave Moreau, *L'apparition*, em *Du côté de chez Swann*. A autora correlaciona o quadro de Moreau, em que Salomé aponta para a cabeça de João Batista, com Odette e, servindo-se de elementos da teoria freudiana e psicanalítica, põe em relevo a idealização do amor de Swann por Odette e interpreta a usurpação da paternidade de Swann, com a rejeição de seu nome pela filha, pois este "gênerait le mariage de Gilberte", tendo em vista o anti-semitismo exacerbado da época. Em sua análise, destaca os deslocamentos significativos operados na transposição do pictórico para o literário e faz uma incursão pela teoria psicanalítica da negação, utilizando-se de dois princípios que regem o funcionamento mental, o prazer e a realidade. O texto de Nancy Maria Mendes é um momento importante na leitura da revista; seu trabalho, vemo-lo como um ensaio de peso e de excelente qualidade e a visão iconográfica que insere na abordagem da obra proustiana pratica uma abertura altamente enriquecedora para o volume. O texto, segundo informação nele prestada, é um excerto da tese *Deux galeries dans le musée de Proust: la peinture hollandaise et la*

peinture française dans À la recherche du temps perdu, apresentada em Paris, em 1994.

Os três derradeiros trabalhos escritos em francês aqui reunidos se voltam para a questão, tão discutida na obra de Proust, do tempo, que vem enfocado sob prismas diferentes, nos desenvolvimentos de Marcelo Jacques de Moraes (*Proust: temps retrouvé, sens encore à venir*), Maria Elizabeth Chaves de Mello (*Marcel Proust et la victoire sur le temps*) e de Beatriz Alcântara (*La recherche: point fixe et thème*). No primeiro caso, após correlacionar-se o tempo com o hábito e o amor e fixá-lo como paradoxo, formula-se o pensamento de que reencontrar o tempo perdido não significa reencontrar a verdade de um tempo transcorrido, mas antes projetar-se no tempo a vir da obra de arte, de onde várias verdades poderão jorrar; isso equivale à passagem de uma leitura unívoca dos sentidos para o sentido plural da escrita literária. Na segunda análise, coloca-se a obra proustiana como marcada pela tensão de dois séculos, o XIX e o XX, constituindo-se em continuidade e ruptura, tradição e revolução, decadência e modernidade. A problemática se centra, então, na reconstituição com vista à transgressão, pois, desde quando o romance desenvolve a questão da memória involuntária, ele apresenta ao leitor a possibilidade de uma nova perspectiva de reflexão sobre o ato de criação literária. O terceiro trabalho passa em revista a exegese proustiana (Edmond Richer, Antoine Compagnon, Georges Cattai, Marcel Muller, Gaëtan Picon, André Maurois), para descortinar o universo de Combray como ponto fixo do romance proustiano e considerar o tempo como tema essencial da *Recherche*. Postula-se que o gênio inventivo de Proust consegue recriar o passado perdido por meio de visões fugitivas do tempo transcorrido, construindo o edifício imenso da lembrança de um modo emocional. Considera-se o episódio da "madeleine" a chave que permite o entendimento da essência do processo literário proustiano.

Oito são os artigos aqui reunidos redigidos em língua vernácula. Encabeçando-os, novamente Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach, a organizadora do número, se faz presente, extrapolando o espaço literário, como anteriormente. Se na primeira parte da revista sua análise aponta para as artes plásticas - no contraponto que faz com o quadro *L'indifférent* de Watteau -, agora a autora redimensiona esse espaço, alargando-o para os quadrantes da arte cinematográfica, com seu estudo *Um amor de Swann: no filme de Volker Schlöndorff e no livro de Marcel Proust*. Após informar sobre os precedentes ligados à transposição do livro para a tela, tece com extrema sensibilidade e grande simplicidade uma comparação dos dois textos, o literário e o cinematográfico, seguindo passo a passo a narrativa do filme, que divide didaticamente em doze cenas e um epílogo. Considera magistral a realização de Schlöndorff e destaca o desfecho do filme, com abertura para novas leituras da obra proustiana. O leitor, todavia, não deixa de se surpreender, no trabalho de Carmen Lúcia, com sua observação - que merece ser relativizada -, de que Schlöndorff

transportou para o filme a atmosfera do começo do século XX, "com os primeiros carros atrapalhando o trânsito" (p. 133, l.13).

Seguem-se dois artigos em que se enfoca a questão da intertextualidade. O primeiro, de Celina Moreira de Mello, parte do romance de Philippe Sollers, *Une curieuse solitude* (1958), no qual Proust aparece como o primeiro interlocutor, a *Recherche* constituindo um dos textos recortados e colados em seu intertexto, e nele se estuda o jogo de vai-e-vem dessa *intertextualidade*. O segundo, de Maria Isabella Bottino, escolhe, na *Busca* considerada como obra caleidoscópica, o trágico como *topoi* para análise e comentário. A partir da intertextualidade, da citação e da polifonia dos gêneros, o trágico aqui é visto na medida em que remete às questões que atravessam os tempos de Sófocles, de Racine, de Proust. Ambos os trabalhos são bem construídos, têm alicerces teóricos sólidos - notadamente quando retomam as direções indicadas por Compagnon (*La seconde main*, 1979) - e denotam familiaridade das autoras com os textos literários básicos.

Eduardo Neiva, com base na premissa de que a leitura é um ato individual, explicita a sua leitura da obra de Proust para inferir que na *Recherche* não pode haver leitura, apenas releitura. Esta permite que os elementos da obra se iluminem mutuamente e que nexos se estabeleçam entre episódios aparentemente dispersos, com o reconhecimento das similitudes que lhe conferem coerência. O ponto de vista do autor, nordestino privilegiado - ainda criança tinha acesso à *Recherche* na biblioteca do pai -, enriquece o volume com a introdução da perspectiva crítica norte-americana na leitura de Proust. Com extrema sensibilidade, percebe a obra proustiana como a captação de um momento em um universo que se desfaz, realçando-lhe o aspecto fugaz e fugidio em que o que importa não é a memória ou um instante na memorialística, "mas como o que aconteceu ou que poderia ter acontecido atualiza-se durante o ato de leitura".

Takiko do Nascimento estuda um novo aspecto da obra proustiana em seu artigo *As idéias críticas de Proust segundo Contre Sainte-Beuve*. Na Introdução define a atividade do crítico como vem apresentada no ensaio inacabado *Contre Sainte-Beuve*, prestando informações sobre este, conhecido tanto pela edição publicada em 1954, por Bernard de Fallois, com acréscimos para preencher as lacunas deixadas por Proust, quanto pela edição mais fidedigna estabelecida por Pierre Clarac, publicada em 1971 pela Gallimard. A seguir, analisa as idéias de Proust e sua concepção acerca da obra de arte, dando relevo para os traços singulares que se repetem na obra de um autor e que a definem como característicos e essenciais.

Pina Coco, no curto ensaio *Proust perdido e reencontrado*, em pinceladas, resalta as incompreensões da crítica proustiana para com uma obra considerada difícil e hermética e procura delinear o papel da memória e a passagem do memorialismo à ficção.

Precedendo a *Bibliografia proustiana*, que encerra esse número de *Fragmentos* e à qual nos referimos no início desta resenha, o belíssimo texto de Judith Grossmann, *Como escrevi Meu amigo Marcel Proust romance*. Grossmann aí comenta a feitura de seu último romance, em cujo título resplandece o nome de Proust (Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1995) e percebemos de imediato a convivência e intimidade que a unem ao escritor francês. Confessa ter realizado *n* leituras da *Recherche*, dentro de seus "hábitos de ler uma determinada obra tantas vezes até que nela (se) converta, podendo então abandoná-la", e que "Raros são os livros que ultrapassam a primeira leitura, alguns chegam a meia, e outros nem a isso". De qualquer forma, seu comentário não passa de um preâmbulo, pois para saber como foi escrito seu romance, "qualquer um que leia o livro o saberá ainda melhor".

Judith Grossmann esclarece que seu romance se marca pela velocidade, tendo sido escrito em trinta dias, em um Shopping, incidente que "não teria importância alguma se isto não fosse o grande tema do livro e parte de sua natureza". Em completa sintonia de idéias e sentimentos com Proust, afirma que onde este começa seu romance termina, "onde nele dói a dor do amor sonogado, aqui há a festa do amor recebido". Multifacetado mostra-se o relacionamento da escritora brasileira com o escritor francês: por um lado, ele é protagonista, amigo e antagonista; por outro lado, álibi para o encontro dos dois enamorados por serem dois proustianos. No livro de Judith, Proust ainda é localizável como uma figura de passagem num Shopping, que evoca o vulto de Proust e ainda na convergência de temas, como a infância, a quem dar amor, Veneza, e nas tangentes estilísticas.

Uma dissertação de Mestrado sobre a arrogância como categoria literária já foi defendida na UFBA, com ilustração na obra de Judith Grossmann. A ironia com que Grossmann encerra, modestamente, seu texto, remete ao tema:

E já que Borges tem o seu Aleph, ainda que de empréstimo, Proust tem a sua chávina, Mallarmé tem o seu acaso, Nietzsche tem todos os nomes da história, sobretudo o de Wagner, Penélope tem a sua trama, possa eu, modestamente, ter o meu Shopping. (p. 228)

Com o presente número de *Fragmentos* que a Universidade Federal de Santa Catarina dedica a Proust, escritor emblemático na literatura francesa, a contribuição brasileira vem-se juntar às vozes de todo o mundo que já se empenharam em decifrar os arcanos de um estilo. Estilo "que ultrapassa o tempo e o espaço", no dizer do prefácio à tradução chinesa à sua obra. Acreditamos que a parcela que aqui se acrescenta é significativa.